

ROGÉRIO TUMA

## UnPatched Adams

Um estudo revela que os médicos não conseguem evitar que suas crenças e opiniões interfiram nos tratamentos

O mesmo espírito que inspirou o dr. Patch Adams a criar os Doutores da Alegria em 1972 – iniciando uma nova fase do relacionamento médico-paciente, ao provar que médicos não eram seres superiores a ser cegamente obedecidos, mas amigos com co-

crição de medicações para prevenção da gravidez em adolescentes, mas também ao não oferecer tratamentos aprovados, mas que, na opinião pessoal do médico, não funcionam como deveriam.

Segundo o estudo, 86% dos 1.144 médicos entrevistados entendem que são

**ALEGRIA.**  
A relação mais próxima não deveria interferir na liberdade de escolha do paciente

tanciamento do médico com o paciente é inevitável. O doutor passa cada vez mais tempo preenchendo formulários e relatórios no balcão e menos tempo à beira do leito. Na medida em que os dois lados se falam menos e o médico não se sente obrigado a indicar um colega que atenda à demanda do seu paciente, quase um terço dos doentes fica sem o tratamento que escolhem.

Também interferindo negativamente sobre este vínculo está a mudança de perfil dos hospitais, que antes eram centros médicos para tratar os pobres e hoje são verdadeiras indústrias de saúde, saindo de seu papel de associação benemérita e tornando-se genuínas corporações capitalistas. Esse tema é assunto de outro artigo na mesma publicação, que mostra o ponto de vista do Fisco americano, voando em cima das instituições “sem fins lucrativos”.

É falso, portanto, o discurso de que a popularização do conhecimento e o melhor entendimento das emoções, as-

**“Pouca saúde e muita saúva os males do Brasil são.”** MACUNAÍMA

sim como o preparo do profissional durante a sua formação, tornaram a medicina mais humana, aceitando as diferenças de opiniões e permitindo uma escolha mais liberal do tratamento.

O estudo mostra também que a prática médica sofre demasiada interferência da religião e do sexo do profissional, além da sua opinião pessoal. Médicos do sexo masculino, religiosos e mais moralistas foram menos propensos a achar que deveriam oferecer o tratamento solicitado pelo paciente ou a indicar outro profissional que o fizesse.

Alguns acreditam que o impasse gira entre o paciente querer um tratamento moralmente duvidoso e o médico não entender de práticas comerciais e não aceitar que o cliente tem sempre razão. Mas os autores do estudo apontam que o peso desse impasse prejudica o paciente e sugerem que o médico manifeste a sua sincera opinião e deixe o paciente procurar outro profissional antes que o conflito se instale. ■



nhecimento técnico que ajudam as pessoas a vencer a doença – hoje afeta de maneira negativa essa mesma relação.

Publicada em 8 de fevereiro na revista *New England Journal of Medicine*, uma pesquisa da Universidade de Chicago mostra que médicos colocam suas crenças e opiniões acima do consenso da profissão na hora de indicar um tratamento a seus pacientes.

A opinião médica é bastante dividida, não somente em temas polêmicos, como abortamento, suicídio assistido ou pres-

obrigados a oferecer aos pacientes todas as opções terapêuticas. Mesmo assim, quando o cliente solicita um tratamento autorizado, mas que os profissionais não acreditam ser o melhor para o caso, apenas 71% deles se sentem obrigados a referir o doente a um colega que utilize essa técnica, e 63% se sentem eticamente compelidos a dar a sua firme opinião contrária à opção do paciente.

Na medicina brasileira, que caminha imitando o estilo americano, onde as fontes pagadoras ditam as regras, o dis-